

A ELOQUÊNCIA DAS VOZES SILENCIADAS: UMA LEITURA DE *LOS SANTOS INOCENTES*, DE MIGUEL DELIBES

Jorge Paulo de Oliveira Neres (UFF/ UNESA)¹

RESUMO: Esta Comunicação é parte da pesquisa de tese de doutorado voltada para o estudo das narrativas de matéria de extração histórica dos contextos opressores. Toma-se por referência autores contemporâneos que, com a densidade do texto literário, procuram preencher as lacunas da História, lançando um novo olhar sobre o passado recente, como é o caso de Miguel Delibes, autor espanhol, que, com *Los santos inocentes*, recupera o episódio sangrento da Guerra Civil Espanhola e suas conseqüências para, na representação literária inscrever/escrever a História apagada pelo regime franquista.

PALAVRAS-CHAVE: ficção histórica – opressão – linguagem – técnica narrativa – psicologismo

Introdução

Miguel Delibes, escritor contemporâneo espanhol, busca nas entranhas provinciais da Espanha a matéria fundamental à sua obra e, com esta opção, utilizando-se de uma requintada técnica narrativa, confere foros universais a temáticas regionais. É o que podemos notar em sua obra *Los santos inocentes* (1981), cujo enredo, aparentemente simples - centrado nas relações de opressão de um rico proprietário rural, señorito Iván, com seus empregados, Paco, el Bajo e sua família; a esposa, Régula; os filhos, Quirce, Nieves e la Niña Chica; e o cunhado, Azarías, desencadeador do desenlace do romance, personagem emblemática que apresenta problemas psicológicos e que encontra a paz interior somente quando em contato com as aves de estimação, *las milanas* - adquire uma dimensão muito mais ampla na medida em que, além de colocar em pauta a secular opressão, substrato histórico deste país ibérico, de antanho até o fim da ditadura franquista, revela, ademais, a magnitude do caráter humano, malgrado o contexto subserviente, que faz com que o camponês passe por cima das humilhações que lhe são perpetradas e se apresente, antes de tudo, como um ser íntegro ante a inexorabilidade de um poder opressor que insiste em se impor para massacrá-lo.

O romance se divide em seis livros – *Libro Primero ... Azarías, Libro Segundo... Paco, El Bajo, Livro Tercero... La Milana, Libro Cuarto... El Secretario, Libro Quinto... El Accidente e Libro Sexto... El Crimen* – apresentando, num relato poetizado, as agruras da família de camponeses de Castilha patenteadas na intransitividade de seu destino sob o jugo dos senhores da terra.

É importante assinalar o teor psicológico que perpassa a narrativa delibesiana, uma vez que as personagens são construídas a partir de uma linguagem densa que ressalta os aspectos interiores, mormente os conflitos intrínsecos diante do inelutável, sobressaindo disto, criaturas tensas a revelar, mesmo na parca capacidade de elocução, a eloquência do discurso dos oprimidos. Sob este prisma, mais um aspecto merece destaque neste romance de Miguel Delibes e diz respeito ao substrato político presente em sua obra. Em primeiro lugar, não se observa na narrativa quaisquer traços maniqueístas que possam revelar uma tendência ideológica clara, isto sob o ponto de vista da escritura, porém, ao observarmos o inscrito ou implícito nela constante, de imediato percebemos de que lado o autor está. Delibes, a partir da pujança de suas personagens, traz ao leitor não somente

¹ Doutorando em Literatura Comparada – Coordenação de Pós-Graduação em Letras da UFF – <http://www.uff.br/>; Professor da Universidade Estácio de Sá – Curso de Letras – <http://www.estacio.br/>

as marcas de um momento tenebroso em que mergulha a Espanha, a ditadura de Franco, como também o conduz à conclusão de que as estruturas sociais opressoras não são novidades naquele país. Seculares, elas, de certa forma, estão enraizadas no próprio *modus vivendi* de suas elites governantes e detentoras do poder, acostumadas que estão a mandar de forma incondicional, seja política ou economicamente. Neste aspecto, *Los santos inocentes* é também uma metaficção histórica.

Um outro ponto que nos chama a atenção na leitura se refere ao pioneirismo de Delibes ao tratar de um tema tão caro nos dias de hoje, que é a integração do homem com o meio ambiente. Em outras palavras, quando elege como cenário de suas obras a vida no campo, o autor constrói suas personagens em harmonia com a natureza, ou seja, o homem está umbilicalmente ligado à terra e isso se pode notar de forma clara em *Los santos inocentes*. No romance, há a comunhão das personagens com o ambiente natural, sejam elas opressoras ou oprimidas. O *señorito Iván*, por exemplo, tem como predileção a caça, momento em que o homem se confronta com os outros animais numa luta de vida e morte e suas caçadas não são apenas esportivas, já que, ao abater as aves, utiliza-as como alimento:

aproximando a la percha y miraba engolosinado hacia los palomos muertos y de pronto, los echó mano, y los examinaba uno por uno, los hurgaba en las patas y en el pico, para comprobar si eran nuevos, o viejos, machos o hembras, y, al cabo de un rato, levantó sus ojos adormilados y los posó en los del señorito Iván, se los desplumo? Inquirió expectante, y el señorito Iván, es que sabes desplumar palomos? Y terció Paco, el Bajo: anda, que si no fuera a saber, en la vida hizo outra cosa, y, sin más explicaciones, el señorito Iván, tomó la percha de manos del Quirce y se la entregó al Azarias (DELIBES, 1981, p. 96-97)²

Do mesmo modo, Azarías experimenta uma comunhão intensa com a ave *la milana*, estabelecendo uma conexão entre o elemento humano e o animal, através de uma linguagem que, só não animaliza de todo Azarías porque, na contrapartida, a ave também se humaniza, no código comum que ambos utilizam, materializado na onomatopéia representada por Delibes:

quíá! reclamó com la voz afelpada, acusadamente nasal, y, desde la punta de la veleta, la grajilla respondió a su llamada, quíá!³ (DELIBES, 1981, p. 66)

Ao longo do romance, a paisagem campesina confere cor local à narrativa e, ao mesmo tempo, se nos apresenta como elemento vital a ela, fazendo com que o leitor tenha um panorama completo da matéria narrada. É importante registrar, a título de ilustração, que a personagem Paco, el Bajo, na sua especialidade de servir, é vista por seus patrões quase que como um cão farejador, tal a sua capacidade de perceber os locais em que se escondem as caças, aspecto denotador da integração do homem com a natureza.

Assim, num breve resumo, podemos afirmar que o eixo central do romance reside nas relações de opressão perpetradas pelos donos da terra aos camponeses, seus

² Aproximando-se olhava para os pombos mortos e logo começou a examiná-los um a um, mexendo nas patas e bicos para certificar-se se eram novos ou velhos, machos ou fêmeas e, passado um tempo, levantou os olhos adormecidos e os dirigiu ao senhor Iván: - tiro as penas? Perguntou com expectativa, e o senhor Iván disse: sabes tirar penas de pombos? Paco, el Bajo intercedeu: - Ora, se não sabe, não fez outra coisa na vida. (DELIBES, 1981, p. 96-97)

³ Quíá! Chamou com a voz anasalada, e da ponta do cata-vento a pequena gralha respondeu ao seu chamado: quíá! (DELIBES, 1981, p.66)

empregados. Azarías é a personagem principal na medida em que a ação mais importante da narrativa será realizada por ele: o assassinato da personagem señorito Iván. Este, representa o elemento explorador, uma vez que satisfaz seus caprichos de caçador utilizando-se da habilidade de Paco, el Bajo. Numa caçada, Paco quebra a perna e o señorito Iván utiliza-se de todos os argumentos possíveis para que o seu “cão farejador” continue as empreitadas de caça. Até que Paco, impossibilitado de acompanhar o patrão, sugere que o filho, Quirce, o faça. O señorito Iván aceita, mas, durante uma caçada, percebe que Quirce, apesar de se submeter às suas ordens, não se dobra ao imperativo hierárquico admitido pelos senhores da terra. Em função disto, e não tendo outra opção, señorito Iván lança mão de Azarías. A caçada não logra êxito e, na volta, percebem um bando de aves no céu. Azarías reconhece *la milana* e emprega a linguagem comum para chamá-la. A ave se desgarrá do bando e se dirige a ele quando, inapelavelmente, señorito Iván aponta a arma e atira no animal, matando-o. Azarías se desespera, mas guarda sua revolta e, no dia seguinte, sem que o señorito Iván percebesse, quando retomam a caçada, Azarías executa sua vingança que, na verdade, é antes de tudo a vingança de todo um campesinato oprimido.

Algumas considerações sobre a narrativa

Várias considerações podem ser feitas em torno da construção de *Los santos inocentes*, dentre elas destacamos a estrutura narrativa, a linguagem e a matéria narrada, que chamamos de extração histórica.

Observamos na narrativa delebesiana, em primeiro lugar, marcas que a inserem naquele tipo de narrativa que poderíamos chamar de moderna, uma vez que rompe com a onisciência do narrador tradicional e, conforme Rosenfeld, situa o narrador no mesmo plano das personagens:

Surge então a tentativa de superar tais dúvidas através da autoridade do mito: o narrador, ente humano como suas figuras, participa das mesmas estruturas coletivas: não as inventa. Os mecanismos psíquicos são os mesmos em todos os seres humanos: ele mesmo os vive. Não descreve a psicologia individual de Fulano e Sicrano que, de fato, não pode conhecer; descreve processos fundamentais de dentro da personagem que se confunde com o narrador no monólogo interior. (ROSENFELD, 1996, p.93)

Esta observação de Rosenfeld se aplica a *Los santos inocentes* principalmente no que diz respeito à construção narrativa em que as marcas de diálogos ou de entradas de personagens não são delineadas, superpondo-se às falas do narrador. Isto se deve, a nosso ver, a um profundo lirismo presente na narrativa, consequência, em primeiro lugar, da introspecção das personagens que, quando falam, revelam o chamado fluxo de consciência, descarregando uma elocução que brota do mais profundo âmago e, dada esta densidade interior, num segundo plano, a composição dos signos narrativos só poderia ser aproximada de uma linguagem poética. Daí o romance estruturar-se muito mais como um poema do que propriamente como um texto em prosa.

Um outro ponto que nos chama a atenção diz respeito às marcas profundas da oralidade, mais precisamente de uma oralidade regional, que faz com que a narrativa esteja eivada de um acentuado realismo que torna as “criaturas de papel” verdadeiros seres de carne e osso. A linguagem “está adequada aos personagens e ao meio de que fazem parte”, no dizer de Nascimento (2001) e a autora prossegue:

Miguel Delibes quer dar a conhecer o universo lingüístico castelhano. Utiliza o repertório dessa limitada região tal como o sal na conservação dos alimentos: a palavra é usada para conservar a língua.

Como o sal, a palavra dá sabor. Na cultura bíblica e judaica o sal é sabedoria; sabor/saber/sabedoria têm a mesma raiz, pertencem à mesma família lingüística. A palavra em Delibes é o sal do texto, saboroso, derretido, impregnando tudo com seu toque especial e atuando de dentro, imperceptivelmente, indispensavelmente. De seu texto transborda, sem ostentação a riqueza da língua de Castilha: Delibes a quer fecundante e alentadora. Artista da palavra, o escritor cria seus personagens e estrutura seu texto sem perder de vista o que a recriação da linguagem de cada um permite revelar de seu tempo, de seu grupo social e de sua própria importância representativa. (NASCIMENTO, 2001, p.156)

Para finalizar a presente comunicação, tratamos da inserção de *Los santos inocentes* no rol de narrativas de matéria de extração histórica, mais precisamente do que chamaríamos metaficção. Faz-se necessário observar que as marcas daquilo que poderíamos relacionar com fatos da realidade empírica não são abundantes, num primeiro olhar, nesta narrativa. Isto se deve ao elevado grau de psicologismo presente na obra, haja vista o foco conferido pelo narrador aos aspectos mais introspectivos inerentes às personagens. O contexto em que se dá o romance, no entanto, torna bem clara a intencionalidade de Delibes em levantar aspectos históricos de Espanha. Não há, entretanto, referências cronológicas nem tampouco factuais, mas percebe-se nas falas das personagens toda a carga histórica de um povo. Sejam estas falas rubricas da situação opressiva secular, seja mesmo com raríssimas referências a personalidades históricas, como no trecho:

qué fue del Irineo, Azarías? y el Azarías alzaba los hombros, se murió, Franco lo mandó al cielo,
y ellos, como si fuera la primera vez que se lo preguntaban y cuándo fue eso, Azarías, cuándo fue eso?
y el Azarías movía repetidamente los labios antes de responder, hace mucho tiempo, cuando los moros,
y ellos se daban de codo e reprimían la risa y reiteraban, y estás seguro de que Franco le mandó al cielo, no le mandaría al infierno? (DELIBES, 1981, p.59)⁴

Mas, inegavelmente, ao tornar matéria de sua ficção o contexto opressor espanhol, Delibes desvenda a névoa que obscurece a historiografia do país e preenche as lacunas que só podem ser ocupadas pela prática discursiva literária, dado o caráter que esta tem de completude e de plurissignificação. Afinal, “A ficção pós-moderna sugere que reescrever ou rerepresentar o passado na ficção e na história é – em ambos os casos – revelá-lo ao presente, impedi-lo de ser conclusivo e teleológico. (...)”, conforme HUTCHEON (1991, p.147)

Conclusão

Conforme apontamos anteriormente, a obra de Delibes nos dá margem a uma análise bem mais aprofundada, no entanto nos detivemos em alguns dos aspectos por nós considerados relevantes para o presente trabalho, principalmente os que dizem respeito ao fato de que este autor contemporâneo espanhol consegue, com sua narrativa densa, redimensionar o fato histórico a partir da abordagem ficcional representativa do discurso

⁴ Que aconteceu com Ireneu, Azarías? e Azarías dava de ombros, morreu, Franco o levou para o céu, e eles, como se fosse a primeira vez que o perguntavam e quando foi isso, Azarías, quando foi isso? E Azarías movia repetidamente os lábios antes de responder, faz muito tempo, no tempo dos mouros, e eles concordavam e reprimiam o riso, reiterando, e estás certo se Franco o mandou ao céu, não foi ao inferno? (DELIBES, 1981, p.59)

do oprimido, discurso este fruto da experiência da gente comum e simples do campo e que expressa, em sua plenitude, o clamor interior daqueles que, tendo a dizer, sempre foram calados pela força imperiosa dos detentores do discurso.

Referências Bibliográficas

DELIBES, Miguel. **Los santos inocentes**. Barcelona: Planeta, 5 ed., 1981.

HUTCHEON, Linda. **Poética do Pós-Modernismo**: história, teoria, ficção. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

NASCIMENTO, Magnólia Brasil Barbosa. **O diálogo impossível**: a ficção de Miguel Delibes e a sociedade espanhola no franquismo. Niterói: EDUFF, 2001.

ROSENFELD, Anatol. **Texto/contexto I**. São Paulo: Perspectiva, 5 ed., 1996.